

A CONTRIBUIÇÃO DE SAID ALI PARA O ESTUDO DA COMPOSIÇÃO

Nukácia Meyre Araújo de Almeida*

Resumo

Apresentação das principais contribuições de Said Ali para o desenvolvimento do estudo da formação de palavras por composição. Destaque para a abordagem semântica dada pelo filólogo ao fenômeno, bem como para a antecipação da visão transformacionista na classificação dos compostos do tipo V^N.

Abstract

The aim of this work is to present Said Ali's main contributions to the study of composition. I will emphasize the semantic and the transformational approach the grammarian gave to the compounds as well as the place prefixation took according to his outlook.

Palavras-chave: Morfologia, formação de palavras, composição, prefixação.

A VISÃO INOVADORA DE SAID ALI

Neste artigo trataremos da valiosa contribuição de Said Ali para o estudo da composição. Em sua *Gramática histórica da língua portuguesa*, Said Ali, de um ponto de vista sincrônico, não só colabora para a resolução de questões teóricas pendentes como também antecipa, em alguns pontos, o tratamento modernamente dado à composição. Dentre as contribuições do filólogo, destacamos a inclusão da prefixação nos domínios derivacionais, o tratamento semântico-pragmático, em lugar de apenas morfológico, dado

ao processo assim como a antevisão da abordagem transformacionista na classificação dos compostos do tipo V^N.

1. O LUGAR DA PREFIXAÇÃO

Os estudos de Said Ali podem ser considerados um marco em nossa tradição gramatical. No que se refere ao âmbito específico da morfologia, foi ele quem trouxe as mais alentadas contribuições. Entre essas contribuições destaca-se a retirada da prefixação dos domínios da composição, contrariando uma longa tradição firmada a partir dos primeiros gramáticos da língua. Desde Fernão de Oliveira (1975) e João de Barros (1957), no Renascimento, passando por Jerônimo Soares Barbosa (1971), no período pré-iluminista, e adentrando o período evolucionista em que figuram estudiosos como João Ribeiro (1818), Júlio Ribeiro (1911) e Pereira (1943). Todos esses gramáticos adotavam o mesmo posicionamento, por força da tradição greco-latina, via gramáticos como Apolônio Díscolo¹, Dionísio da Trácia e Prisciano (cf. NEVES, 1987:152-8).

Contra a referida tradição, arrazoar Said Ali:

A divisão entre derivação sufixal e prefixal que aqui fazemos e adotamos nas seguintes páginas, coincide com a maneira de ver de Meyer-Lubke, Nyrop e outros modernos lingüistas, contrariando portanto aqueles que excluíam ou excluem do conceito de derivação os prefixos e todas as palavras formadas por prefixos. Estoutra doutrina, plausível à primeira vista, em se tratando de partículas usadas como vocábulos independentes, tropeça contudo ao che-

* Professora do Curso de Letras da Universidade Estadual do Ceará. Mestranda em Linguística pela Universidade Federal do Ceará.

¹ Segundo Apolônio Discolo, a preposição não pode ser enunciada antes das partes do discurso anteriormente nomeadas, já que existe para antepor-se a elas, seja por composição (s^{ynthesis}) seja por simples aproximação (paráthesis). (Apud NEVES, 1987:158).

gar o momento de analisar elementos formativos do tipo dis-, re-, in- negativo, e aqueles que, como pre-, ob, já não usamos como palavras isoladas. É fácil afirmar que dis-, re- e o negativo in- representam partículas inseparáveis que são ou foram preposições ou advérbios. Equivale este argumento a uma petição de princípio. Nada se sabe da existência de tais vocábulos independentes nem em latim nem em outra qualquer língua indo-européia. Por toda a parte ocorrem estes elementos funcionando sempre como prefixos. Além disso, muito é de notar que, quando se demonstrasse a existência real dessas sílabas em passado remoto, não já como elementos formativos, mas como verdadeiros advérbios ou preposições, ainda assim não poderia prever tal fato como argumento, a menos que com a noção de prefixo se derrocasse também a de sufixo, o qual, segundo a lingüística admite e por vezes claramente demonstra, procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente. De modo que, tiradas as últimas consequências do vicioso raciocínio, ficariam compreendidas no domínio da composição não só as palavras criadas com elementos preformativos, mas também as que se constituem com elementos pós-formativos, desaparecendo por completo o conceito de derivação (1966:229-30).

Vale ressaltar que ao inserir a prefixação nos domínios derivacionais, Said Ali, vai de encontro a posição de autoridades como Câmara Jr. (1977,1985), que considerava o prefixo como semantema subsidiário, variante presa das formas prepositivas. Argumento indefensável, porque, como ele próprio reconhece, há prefixos sem correlatos preposicionais na língua; mesmo considerando aspectos diacrônicos como *dis-* e *re-*. Por outro lado, considerar o prefixo como semantema subsidiário é injustificável, pois como pode uma forma correlata das preposições, que são morfemas, alçar-se à condição de semantema?

A opinião de Said Ali quanto ao lugar dos prefixos foi a que vigorou na NGB. Antes disso, no anteprojeto, havia divergências relativas à classificação da formação prefixal (cf. CHEDIAK, 1960: 92, 235-236)².

2. A CARACTERIZAÇÃO DOS COMPOSTOS

Para Said Ali a palavra composta resulta da junção de dois ou mais vocábulos, com o qual se designa algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos termos correspondentes (cf. SAID ALI, 1960:118, 1966:258). Segundo ele, a palavra composta é resultado da fusão semântica de seus elementos componentes e representa uma idéia simples, caracterizada pela alteração ou especialização do sentido primitivo. Cita como exemplo o vocábulo francês *beau-*

père (sogro) que nada tem a ver com as noções de *belo* e *pai*. O filólogo arrefece, todavia, seu ponto de vista, admitindo mais realisticamente:

A par daqueles exemplos que satisfazem a todos os requisitos, mostrando consumada por completo a fusão semântica, ocorrem, naturalmente combinações que se acham ou parecem achar-se na fase de transição, isto é, em via de se tornarem palavras compostas. Dificultam sobretudo a análise, não sendo de admirar que a seu respeito reine desacordo entre os lingüistas, classificando uns como verdadeiras palavras compostas o que a outros se afigura como meros grupos sintáticos do tipo comum (1966:258).

O filólogo não admite, à maneira de Darmesteter (1977), a distinção entre composição e justaposição³. Indaga, pois, o que dizer de uma palavra como o vocábulo latino *manifestus* (<*manufestus*), em que o primeiro elemento sofre alterações não previstas por Darmesteter (não há, nesse caso, nem justaposição nem composição).

Said Ali, com efeito, define a composição em termos de especialização de emprego semântico-pragmático, **amor-perfeito** ou **linda-flor**, como denominação de certas espécies de plantas, tem sentido restrito do mesmo modo que **pica-pau**, que não é aplicável a qualquer ave que fere com o bico o tronco das árvores (1966:259).

Reconhece também entre os compostos os metafóricos, como *linda-flor* e *amor-perfeito* e os não metafóricos ou de sentido literal, tais como *guarda-roupa* e *porta-malas*, esses últimos, segundo o filólogo, suscetíveis de análise tanto morfológica quanto semântica.

Ao estabelecer essa diferenciação, Said Ali, primeiramente, não admite a inclusão dos metafóricos como itens compostos; no entanto, logo depois reconhece que assim como os compostos de sentido literal, os compostos de sentido metafórico possuem a principal característica desses itens: representam *uma idéia simples, porém caracterizada pela alteração ou especialização do sentido primitivo*(1966:259).

A propósito da questão semântica dos compostos, Basílio (1995), seguindo as pegadas de Said Ali, afirma que este é um processo de função semântica, embora não contenha elementos semânticos em sua estrutura. Nesse processo, utiliza-se a estruturação sintática para fins de criação lexical. Dessa forma, seu principal objetivo é a denominação, em que se revela claramente a importância da função metafórica na engrenagem da criação lexical.

Basílio afirma ainda que as formas compostas são freqüentemente desligadas dos significados de seus componentes. Segundo ela, há um distanciamento entre o significado global de uma formação lexical e a função do significado de seus componentes. Esse distanciamento se dá por causa de evoluções semânticas pelas quais passam os itens como

² Vê-se na página 40, que são dois os processos de formação de palavras: derivação e composição, incluindo-se a prefixação na derivação. Mas se o prefixo for independente, como em *contra-selar*, *sobre-nadar*, podemos admitir derivação? (CHEDIAK, 1960:92).

³ Para Darmesteter justaposição é uma soldadura mais ou menos íntima de elementos reunidos sem elipse, esta entendida tanto como ausência de palavra ou frase que em certos casos liga o sentido dos termos componentes (fr. *timbre-poste*), como também o desaparecimento da terminação do primeiro componente (*liquefazer*).

um todo, mas que não são compartilhados pelas suas partes, que permanecem morfológicamente inalteradas. Além disso, de acordo com a lingüista, há outras causas para os resultados semânticos alcançados pelos compostos. Entre elas estão a disseminação de situações naturais de metáfora e extensão de sentido. Distingue, então, dois tipos de compostos de acordo com a função de nomeação e/ou caracterização dos seres, eventos etc, renomeia, pois, a distinção já feita por Said Ali, distinguindo os compostos cuja função é descritiva⁴ (compostos de sentido literal), dos compostos que têm função de nomeação metafórica (compostos de sentido metafórico).

Uma outra opinião de Said Ali, digna de destaque, refere-se à distinção feita entre a abordagem sincrônica e a diacrônica do processo sobre o qual vimos discutindo.

Quando se estuda o fenômeno da composição dentro do domínio de certo idioma, deve-se atender principalmente ao que esse idioma tem produzido com seus próprios recursos. Não servem de prova para os fatos palavras compostas pré-existentes à formação do dito idioma, ou importadas de outra língua, dando a impressão de palavras simples. Pela criação do vocábulo vinagre, francês vinaigre, italiano vinagro não é responsável a língua portuguesa, e este exemplo não atestaria a possibilidade de formarmos um vocábulo novo, combinando um substantivo com um adjetivo. A análise em português daria aliás mau resultado, primeiro porque não consta que existisse nessa língua algum adjetivo popular com a forma agre; em segundo lugar, parece que o resultado da composição, na melhor hipótese, havia de ser vinhagre (1966:260).

Defendendo o ponto de vista supra, Said Ali vai além dos gramáticos hodiernos como Cunha & Cintra (1985:104), que reconhece composição em *embora* (<em+boa+hora) e Melo (1978:55) que identifica como compostos *fonseca*, *fidalgo*, *morcego*.

Não param nesse ponto as inovações propostas pelo eminente filólogo. Com relação aos compostos de estrutura V^N (*saca-rolha*), por exemplo, advoga teses que evocam o transformacionalismo, embora constitua uma explicação *ad hoc*:

*A falta de nomes apropriados com que designar cousas e caracterizar pessoas, suscita instintivamente a idéia de se apelidarem, e de maneira expressiva, aquelas pela sua função, pelo fim a que servem, estas pelos atos ou atributos particulares que as diferenciam de outras pessoas. Quer isto dizer que a estas denominações típicas que se enunciam por meio de **palavras compostas de verbo e substantivos, precedem e estão latentes pensamentos mais desenvolvidos**⁵, v.g. 'objeto que saca rôlhas', 'instrumento que quebra nozes', 'ave que beija flor', 'homem que desmancha*

prazeres', 'caranguejo que espia maré', 'ofício com que se ganha pão', etc. Mas o indivíduo falante, confiado na sagacidade do ouvinte, deixa de parte dizeres desnecessários. Basta antepor artigo à combinação de 3^a. pessoa verbal com que o substantivo, para se entender desde logo que se trata de algum ente a quem é próprio tal ato ou função (1966:263).

Como se pode notar, a explicação dada pelo filólogo está dentro dos moldes da gramática transformacional. A antecipação se dá através da sugestão de que os nomes seriam derivados de uma frase transformacionalmente a partir de frases de base. Tem-se uma estrutura de superfície (compostos do tipo N^V) derivada de uma frase de base (pensamentos latentes mais desenvolvidos). Essa abordagem só foi retomada mais tarde por Guilbert.

Já a respeito dos compostos de estrutura N^N Said Ali assim se manifesta:

A língua portuguesa não revela muita facilidade em formar por si palavras novas juntando um substantivo a outro, exceto para as denominações de animais e plantas. Vários dos termos assim constituídos que andam disseminados pelo nosso léxico, não têm valor para análise, por serem traduções ou aportuguesamentos de expressões que tiveram seu berço fora de Portugal(1966:260).

Com relação a isso manifesta-se Bessa cujo ponto de vista endossamos:

(...) Não nos parece importante discriminar os compostos entre /-nativos / e /+nativos / e nem, em atendimento a idiosincrasias pessoais, excluir os /-nativos / do quadro de compostos do português. Se uma análise demonstrar que os compostos /-nativos / se comportam diferentemente, em português, dos compostos /+nativos /, o melhor será estudá-los separadamente, nunca condenar os /-nativos /, pensando que, com isso, serão erradicados da língua. Se a análise, no entanto, provar que os /-nativos / não se comportam diferentemente dos /+nativos /, maior será a razão para não os excluir do quadro das palavras compostas do português.

É somente sob esse aspecto que a questão dos traços assume um papel importante e é, sob esse aspecto também que emerge sincronia e diacronia. A restrição de Said Ali leva em conta argumentos de ordem diacrônica, que suplantam e desmerecem a abertura sincrônica com que se houve na proposição de não se considerarem as palavras compostas pré-existentes à formação do português. Não há como sustentar um argumento diacrônico ou apelar para a

⁴ Na nomeação descritiva, um ser entidade, substância, etc é denominado a partir de suas características objetivas mais relevantes (sofá-cama, por exemplo) (1995:31).

(...) Temos uma situação de nomeação metafórica quando a descrição de um objeto, ao invés de caracterizá-lo por critérios objetivos, estabelece para este uma descrição em termos de propriedades transferidas em termos associativos.(1995:32)

⁵ Grifos nossos.

formação diacrônica e etimológica de determinados compostos, se estes já se implantaram definitivamente na língua (1978:62).

Aos argumentos supracitados acrescenta:

É evidente que a restrição de Said Ali às palavras compostas pertencentes à classe N^N não tem sentido. Se o português não as possuía e as tomava por empréstimo junto às co-irmãs românicas, fazia-o para suprir tal deficiência. Uma vez importadas, as palavras tinham que ser consideradas portuguesas, porque a tendência, no caso dos empréstimos, é estes se submeterem às condições da língua para a qual são transportados. Mesmo que português não dispusesse de regras para gerá-los, seria o caso admiti-los e vê-los como tendo sido gerados por regras do português (1978:63).

Podemos sumariar assim o papel desempenhado por Said Ali, como marco de nossa disciplina gramatical.

- Excluiu a prefixação dos quadros composicionais, indo em sentido contrário ao de uma longa tradição, desde os gregos até os gramáticos pré-NGB;
- Definiu os compostos como um composto semântico, o que se projetou nas gramáticas, pós-NGB;
- Reconheceu os compostos de sentido literal por oposição aos de sentido metafórico;
- Identificou, embora *ad hoc*, processos transformacionais para compostos de estrutura V^N;
- Distinguiu compostos *nativos* dos *não-nativos*, afastando como contrários à índole de nossa língua muitos casos de estrutura N^N (como *couve-flor* < fr. *chou-fleur* e *quartel-mestre* < fr. *quartier-maitre*).

É de se notar que a exclusão supra nos parece justificável, pelo menos em parte, no âmbito da obra, que é uma gramática histórica. Na gramática secundária já admite exemplos como *couve-flor*, *algodão-pólvora* (< *colton-poudre*), *mãe-pátria* (< *mère-patrie*), *papel-moeda* (< *papier-monnaie*), *astro-rei* (< *astre-roi*).

BIBLIOGRAFIA

- ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 6ed., São Paulo: 1966.
- _____. *Gramática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- BARBOSA, Jerônimo Soares. *Grammatica philosophica da lingua portuguesa*. Lisboa: Typhografia da Academia Real de Ciências, 1817.
- BARROS, João de. *Gramatica da lingua portuguesa*. Lisboa: sem editora, 1957.
- BASÍLIO, Margarida. *Estruturas lexicais do português*. Petrópolis: Vozes 1980.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Nacional, s/d.
- BESSA, J. Rogério Fontenele. *Para um estudo dos compostos no português atual*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1978 (Dissertação de Mestrado).
- CÂMARA Jr., J. Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21 ed., Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____. *Problemas de lingüística descritiva*. 14 ed., Petrópolis: Vozes, 1991.
- CUNHA, C. & CINTRA, L.. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DARMESTER, Arcène. *Traité de formation de noms composés dans la langue française comparée aux autres langues romanes et au latin*. Paris: Librairie Honoré Champion, 1977.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.
- MELO, G. Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- NEVES, Maria Helena Moura. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: HUCITEC, 1987.
- NIDA, Eugene. *Morphology: a descripty analysis of words*. Ann Arbor: the University of Michigan Press, 1949.
- OLIVEIRA, Fernão. *Gramatica da linguagem portuguesa*. Lisboa: Imprensa Oficial/Casa da Moeda, 1975.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. *Gramática expositiva da língua portuguesa* (Curso superior). São Paulo: Nacional, 1943.
- RIBEIRO, João. *Grammatica expositiva da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Clássica & Alves, 1893.
- RIBEIRO, Júlio. *Gammatica potugueza*. Rio de Janeiro: Fco. Alves, 1911.